

Cpatu propõe para Amazônia novo sistema silvopastoril

Antonio José

BELÉM - Técnicos do Centro de Pesquisas Agropecuária do Trópico Úmido (Cpatu), da Empresa Brasileira de Pesquisas Agrícola (Embrapa), desenvolveram um sistema silvopastoril - combinando implantação de pastagens com manejo de floresta - que poderá diminuir a pressão do desmatamento e tornar projetos agropecuários na Amazônia mais lucrativos.

A idéia está sendo testada, desde 1984, na fazenda *Poderosa*, no município de Paragominas, a 320 quilômetros de Belém, dentro do projeto Associação de Espécies Florestais com Forrageiras para Recuperação de Áreas Degradadas. Jonas Veiga, chefe da equipe, está convencido de que "os sistemas agrícolas com mais chances de serem bem-sucedidos em áreas de mata na região amazônica são aqueles que se aproximam ou imitam, ao máximo possível, a estrutura original da floresta".

Veiga e os pesquisadores Adilson Serrão, Luciano Marques, Jorge Yared e Osmar Romeiro, definiram nove sistemas, de um hectare cada um, associando três espécies florestais e três gramíneas em diversas combinações árvore-pasto. As espécies florestais selecionadas são eucalipto (*eucalyptus tereticornis*), paricá (*schyzolobium amazonicum*) e tatabuba (*bagassa guianensis*), e as gramíneas são marandu ou brizantão (*brachiaria brizantha*), quicuí-da-Amazônia (*brachiaria himidicola*) e colônio (*panicum maximum*).

As espécies florestais foram plantadas em faixas de três linhas de plantio, com espaçamento de três metros por três e com distanciamento de 12 metros entre as faixas. As entre-faixas foram destinadas às gramíneas forrageiras, formando pastagens. A pastagem, entretanto, acaba se alastrando sob as árvores, dependendo de sua tolerância à sombra. O sistema também pode acompanhar os acidentes topográficos e evitar a erosão, outra consequência do desmatamento.

Os custos da adoção do sistema são altos, porque o terreno tem que ser preparado e as mudas produzidas, além de envolver plantio. Mas ele pode ser minimizado com a utilização da área livre deixada pelas árvores, antes do plantio das forrageiras, com o cultivo de milho por até três anos, quando é aconselhada a colocação de animais para pasto.

Contudo, a produção de milho é decrescente, como quase todo cultivo amazônico. Nos testes feitos pelo Cpatu, no primeiro ano, a produção por hectare foi de 1.076 kg; no segundo, 745 kg por hectare e, no terceiro, apenas 371 kg. Segundo

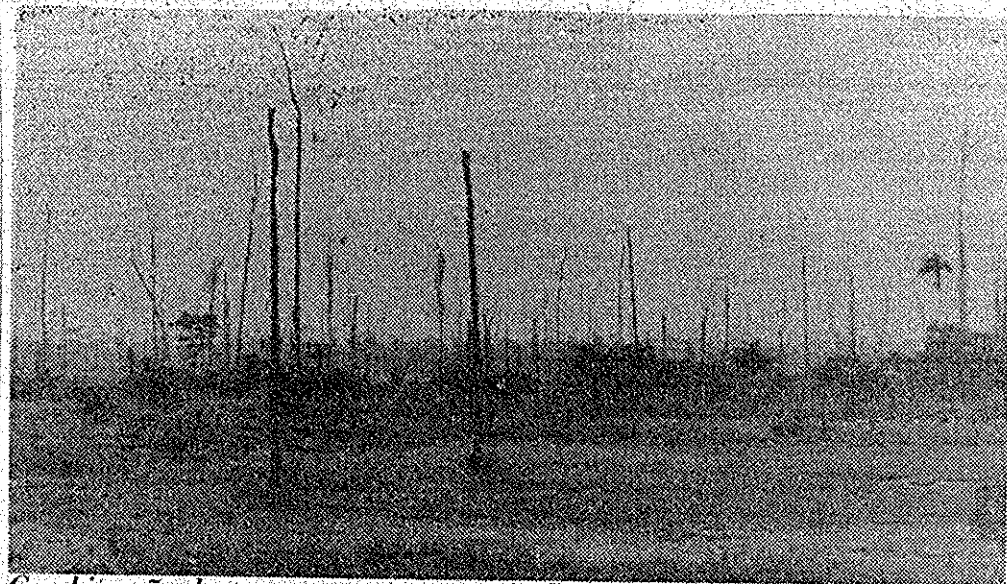
Veiga, esse decréscimo é natural, uma vez que diminui gradativamente a área de plantio e aumenta a competição das espécies por espaço e luz. Em compensação, a produção de madeira no sistema silvopastoril é superior a qualquer outro conhecido. A taxa de sobrevivência do paricá chega a 99,2% e, após 36 meses, a espécie atinge 11 metros de altura e 10,3 centímetros de diâmetro à altura do peito. O eucalipto atinge 7,7 m de altura e 7cm de diâmetro, e a Tatabuba, 3,7 m de altura por 3,5 cm de diâmetro.

Experiência — Os estudos comprovaram que para a implantação de qualquer projeto agrícola na Amazônia "é necessário considerar a evolução da própria floresta amazônica, como ela atingiu e manteve a atual situação de equilíbrio", explica Veiga. O técnico ressalta que há muito tempo se sabe que a exuberância da vegetação amazônica não é o resultado da fertilidade do solo, mas, principalmente, das condições climáticas favoráveis à produção biológica, condicionada a um mecanismo eficiente de reciclagem de nutrientes entre o solo e a cobertura vegetal. "o que só é possível na presença de árvores e da diversidade dos indivíduos".

Desde que o governo federal decidiu incentivar a ocupação da Amazônia através de projetos agropecuários, no final dos anos 60, 8 milhões de hectares já foram desmatados no Pará. Em toda a região amazônica, até 1987, data do último levantamento, 20 milhões de hectares já foram desmatados. Os técnicos do Instituto de Desenvolvimento Econômico-Social do Pará (Idesp), calculam que, no ano passado, foi devastada uma área equivalente a 20% desse total.

O investimento aleatório em pastagens é dinheiro jogado fora, na opinião dos especialistas do Cpatu. Jonas Veiga garante que a substituição da floresta tropical por pastagem, com uma utilização limitada pela degradação do solo, o pasto perde a produtividade em pouco tempo e os empresários, sem técnicas de manejo, são compelidos a abrir novas áreas para manter seus rebanhos, ampliando o descampado centenas de vezes além do necessário.

Para Veiga, a exploração agrícola ideal são os cultivos perenes com plantas arbóreas, tanto em monocultivos como em associações multiestradas, ou seja, com portes diferentes. No entanto, em razão da tradição puramente pecuária da maioria dos produtores estabelecidos na região, o Cpatu procura incorporar o elemento arbóreo, essência da floresta, ao ecossistema de pastagem cultivada, para torná-la menos agressiva.



Combinação de pastagens com manejo florestal dá lucro no Pará